


RESSIGNIFICAÇÃO DA AURA MÍSTICA FEMININA EM AGUSTINA BESSA-LUÍS


Ressignification of the Female Mystic Aura in Agustina Bessa-Luís

Nair Fernandes Pereira

<https://orcid.org/0000-0002-9325-942X> 

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO,
Brasil, Cristianópolis, GO, Brasil. 75230-000 – ppgl.letas@ufg.br

Márcia Maria de Melo Araújo

<https://orcid.org/0000-0002-7762-3041> 

Universidade Estadual de Goiás, Cidade de Goiás,
GO, Brasil, 76600-000 – sec.poslli@ueg.br

Resumo: No presente artigo, realizamos uma breve apresentação de Agustina Bessa-Luís, introduzindo as contribuições da autora para a literatura, com o objetivo de refletir sobre a ressignificação da aura mística feminina por meio das protagonistas Quina de *A Sibila* (1954) e Eugénia Viseu e Silvina do romance *Eugénia e Silvina* (1989). São apresentadas, em vista disso, algumas posições teóricas sobre o projeto estético agustiniano, estabelecendo relações entre a representação feminina feita por Bessa-Luís e a condição da mulher na sociedade patriarcal. Para tanto, embasamo-nos em Beauvoir (2016), Bloch (1995), Coelho (1999), Fonseca (2017), Machado (1979), Moisés (2001, 2013), entre outros. Ao tratar das representações do feminino nos seus romances, Agustina Bessa-Luís proporciona uma discussão demasiado importante acerca de estereótipos misóginos, favorecendo sua desconstrução. Nesse sentido, o projeto estético e literário de Agustina Bessa-Luís, a nosso ver, transforma o panorama da ficção portuguesa novecentista, e abre espaço para os escritos que vieram depois.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa; Agustina Bessa-Luís; Aura Mística Feminina.

Abstract: This paper intends to make a brief presentation of Agustina Bessa-Luís, introducing the author's contributions to literature, with the objective of reflecting about the resignification of the feminine mystical aura by the analysis of the protagonists Quina from *A Sibila* (1954) and Eugénia Viseu and Silvina from the novel *Eugénia e Silvina* (1989). Furthermore, some theoretical positions on the Augustinian aesthetic project are presented, establishing relations between the female representation made by Bessa-Luís and the condition of women in patriarchal society. For that, we base ourselves on Beauvoir (2016), Bloch (1995), Coelho (1999), Fonseca (2017), Machado (1979), Moisés (2001, 2013) and others. By dealing with the feminine representations in her novels, Agustina Bessa-Luís provides a very important discussion about misogynistic stereotypes, favoring their deconstruction. In this sense, the aesthetic and literary project of Agustina Bessa-Luís, in our view, transforms the panorama of Portuguese fiction from the 20th century, and opens space for the writings that came later.

Keywords: Portuguese Literature; Agustina Bessa-Luís; Female Mystical Aura.

Introdução

No panorama da ficção moderna em Portugal, Agustina Bessa-Luís figura como uma escritora completa, preocupada com a condição social portuguesa, em especial, a feminina. Segundo Massaud Moisés (2013), *A Sibila* inaugura uma maneira de narrar própria de Bessa-Luís, que consagrou e deu forma à escrita da autora e que perdura dos anos 1950 até a data de sua morte, em 2019. A temática do feminino e a memória em forma de relato são aspectos que permeiam a maioria de suas obras. Todavia, cada narrativa apresenta novas perspectivas, tornando-se, cada uma de suas histórias, original.

Eduardo Lourenço (1994, p. 112) compara Agustina Bessa-Luís à Penélope, de Homero, em sua lide, tecendo e destecendo a tapeçaria no tear: “Nada parece guiá-la, na aparência, senão uma fidelidade sonâmbula à vontade de desfiar por sua própria conta um fantástico rosário de ‘relações humanas’ tornadas em suas mãos como elementos de um ‘puzzle’ variável ao infinito”.

No exame de Álvaro Manuel Machado (1979) há o destaque de Agustina Bessa-Luís como escritora conectada à literatura contemporânea e, ao mesmo tempo, às raízes culturais da literatura portuguesa:

Agustina Bessa-Luís, no que respeita especificamente o romance, resolve, mais do que nenhum outro romancista português [...] a velha e fácil oposição Camilo-Eça, ou seja, romance regionalista versus romance universalista, tornando-se assim a sua obra romanesca ao mesmo tempo a mais enraizada na cultura portuguesa, genericamente falando, e a mais culturalmente universal de todas (MACHADO, 1979, p. 25).

Ainda de acordo com Machado (1979), a obra da autora é marcada por arquétipos temáticos como o mistério, o hábito do ser no tempo e num espaço privilegiados e a cosmovisão no interior da narrativa. Bessa-Luís favorece a presença de personagens femininas soberanas em suas atitudes ao passo que contrasta ações entre homens e mulheres, dando a estas certo domínio e àqueles, destrói o mito da superioridade. Nesse sentido, a autora figura como precursora da nova geração literária portuguesa no panorama da segunda metade do século XX.

Diante do exposto, é de se considerar o avanço da produção de autoria feminina como um marco da literatura contemporânea, na qual Bessa-Luís teve papel de destaque, ao resgatar as raízes portuguesas enquanto propunha um novo modelo de romance. Contudo, um dos traços mais constantes, em seus textos, é a abordagem da condição feminina a partir da complexidade que ela apresenta, e é a esse respeito que tratamos neste artigo.

O nosso objetivo é, por meio das obras *A Sibila* (1954) e *Eugénia e Silvina* (1989), refletir sobre a resignificação das configurações do feminino em Agustina Bessa-Luís, considerando a aura mística que elas apresentam nesses dois romances. Aqui, definimos aura mística como o contato das personagens, geralmente as protagonistas, com uma força espiritual geralmente associada ao sobrenatural, aos ancestrais e à natureza. A nosso ver, a escritora promove uma importante discussão acerca de estereótipos misóginos, cuja



herança torna-se perceptível diante da investigação das protagonistas Quina (*A Sibila*), Eugénia Viseu e Silvina (*Eugénia e Silvina*).

Ao longo do artigo serão apresentadas algumas posições críticas e teóricas acerca do projeto estético agustiniano, as quais estabelecem relações entre a representação feminina feita por Bessa-Luís e a condição da mulher na sociedade patriarcal. Para tanto, embasamo-nos em Beauvoir (2016), Bloch (1995), Coelho (1999), Fonseca (2017), Machado (1979), Moisés (2001, 2013), entre outros.

Como resultado, observamos, nos romances investigados, a transgressão de valores ideológicos e dos limites impostos às mulheres pela sociedade patriarcalista ocidental. Bessa-Luís expõe situações perceptivelmente anacrônicas sendo vivenciadas pelas mulheres ainda na atualidade, às quais surgem associadas a temas como o casamento, o peso da maternidade, entre outros. Retratadas, de modo geral, com personalidades fortes e complexas, complicadas e astutas, suas protagonistas destacam-se entre todas as outras personagens do conjunto de sua obra, tanto femininas quanto masculinas.

O feminino e a escrita agustiniana

Bessa-Luís proporciona, a partir do conjunto de suas obras, diferentes discussões a respeito do papel da mulher na sociedade patriarcalista ocidental. Suas protagonistas femininas possuem caráter universal, embora sejam representadas de maneiras diversas, cada qual com um perfil único e, ao mesmo tempo, com traços comuns a tantas mulheres. É impossível não identificar ou associar algumas das características de suas personagens às mulheres reais à nossa volta. Nessa perspectiva, Bessa-Luís não toma a posição de mero relator, ou trata de um objeto distante, mas torna-se o próprio objeto representado: uma mulher investigadora e questionadora de sua própria condição, que dá voz e vida a várias representações do feminino. Para Caldas (2005),

Agustina Bessa-Luís, escritora portuguesa contemporânea, realiza em sua produção literária um desafio aos cânones, numa releitura dos códigos instituídos. A condição feminina em uma cultura rigidamente patriarcal é abordada de forma crítica, redimensionando o papel da mulher na sociedade. Através da caracterização de personagens femininas em choque permanente com a sociedade em que vivem, a produção literária agustiniana denuncia a alteridade – e a marginalização – representadas pela mulher na sociedade patriarcal (CALDAS, 2005, p. 2).

Segundo Caldas (2005), as diversas representações do feminino na obra agustiniana revelam personagens não engessadas, evidenciando, desse modo, que nem sempre as mulheres figuram de maneira independente, ou procuram por emancipação. Há, igualmente, personagens submissas que, muitas vezes têm medo de enfrentar obstáculos, e que os enfrentam, à sua maneira, deixando para trás os desafios impostos.

Nos romances investigados – *A Sibila* e *Eugénia e Silvina* –, Agustina constrói um intrincado labirinto de histórias, que envolve mais de uma geração de personagens e suas relações com os espaços que ocupam. Pela sua complexidade narrativa, as obras

agustinianas exigem do leitor certo preparo e predisposição para revirar páginas, indo e voltando, em busca de identificar o fio de Ariadne pelo labirinto, encontrando nos detalhes a construção de uma boa percepção do todo. Machado (1979, p. 113) salienta: “É uma arte de um todo que vive de múltiplos fragmentos obstinadamente recuperados e de novo perdidos; de um repouso que se alimenta de um incessante movimento; de um centro que se projeta em renovada abertura”. Se muitas narrativas modernas, de modo geral, constroem-se num entrecruzar de analepse e prolepse (GENETTE, 1976), formando verdadeiras encruzilhadas, em que se desconsidera a noção linear na construção do tempo, em Agustina Bessa-Luís o desafio interpretativo se adensa.

Em *A Sibila*, por exemplo, a sensação que temos é de estarmos diante de um mosaico de recordações, uma espécie de emaranhado de fios. A narradora Germa (Germana), a partir de suas próprias recordações e daquilo que lhe fora contado pelas pessoas à sua volta, narra a história de Quina. Ela começa a narrar a história de sua tia contando fatos que antecederam seu próprio nascimento e, dada a complexidade da Sibila Quina, é difícil estabelecer limites entre acontecimentos, opiniões e experiências pessoais da própria narradora, que culminam num verdadeiro quebra-cabeças: “Ah, Quina, tão estranha, difícil, mas que não era possível recordar sem uma saudade ansiada, quem fora ela?” (BESSA-LUÍS, 2000, p. 9).

Para Massaud Moisés (2001), Germa é um alter ego da autora, que oferece ao leitor um retrato de Quina por meio de um longo monólogo, no qual reúne dados de sua própria memória e outros que ouve de várias personagens sobre a estranha figura de sua tia. *A Sibila*, portanto, segundo o crítico, trata-se de um romance em *mise en abyme*, em que Agustina Bessa-Luís dá espaço para que Germa conte a história da Sibila Quina, interferindo em alguns momentos e tomando para si a voz narrativa, que permeia as memórias de Germa, dando a ilusão de uma narrativa fiel às recordações da personagem.

Em artigo intitulado “O discurso-em-crise na literatura feminina portuguesa”, Nelly Novaes Coelho (1999) ressalta a importância do romance *A Sibila* para a literatura de autoria feminina, afirmando que se trata de um marco histórico: “por ‘iluminar’, por entre as frestas da decadência do mundo atual, a permanência subterrânea de uma cultura umbilical (mãe/filho), onfalocêntrica, – a da Grande Mãe ou da Mãe Terrível, a ser redescoberta” (COELHO, 1999, p. 124).

A personagem Quina tem uma forte personalidade e se impõe à sociedade em que está inserida, “como símbolo dos seres presos aos hábitos do cotidiano e habitados pelo ‘espírito do lugar’ – seres visceralmente ligados ao lugar onde nasceram e a que pertencem por natureza” (COELHO, 1999, p. 124). Ainda segundo essa autora, a linguagem predominante no romance é ambígua e flui através de cortes temporais repentinos, apresentando uma atmosfera densa de expectativas e dúvidas.

Para corroborar a importância do romance *A Sibila* de Agustina Bessa-Luís, Dumas (2015, p. 124) afirma: “É nas entranhas desse Portugal em compasso caduco de vida, que *A Sibila*, com sua presença e palavra, vai-se revelando como obscuro elo entre o seu

espaço-tempo e a ancestralidade esquecida pelas novas gerações”.

Qualquer acontecimento leva Germa a tecer comentários ou até mesmo estes lhe despertam novas memórias, trazendo-as para um novo contexto, tal qual uma narrativa em abismo. Ainda podemos tomar *A Sibila* como narrativa circular, já que tem início no presente, com as lembranças de Germa contadas a Bernardo, voltando-se ao passado para contar a história das duas gerações anteriores da família, e retorna ao presente no final, como ponto de partida para a legitimação do passado. O legado da família Teixeira é deixado a Germa, elo entre passado e presente, o que confere caráter memorialístico à obra.

Ao mesclar diferentes pontos de vista, pela estratégia do discurso ora em terceira pessoa ora em primeira pessoa, a escritora abre possibilidade para a pluralidade de vozes, dando, em alguns momentos do romance, um tom de objetividade ao narrado, e em outros expressa, pela fala direta da personagem, sentimentos, ações, emoções, assumindo o ponto de vista da personagem narradora. Tal variação indica o caráter dialógico e, ao mesmo tempo, confere à obra a função de contestar valores ideológicos. Acreditamos que, assim, a autora estimula o leitor à reflexão sobre a condição humana.

Em *Eugénia e Silvina*, são contadas as histórias de três Eugénias: Eugénia Cândida, a baronesa; Eugénia Mendes, filha da baronesa; e Eugénia Viseu, a neta; seguidas da história de Silvina, que a sucede como senhora da mesma casa, o solar da Malhada.

A baronesa [Eugénia Cândida] casou-a [Eugénia da Silva Mendes] com Henrique Nunes Viseu [...]. Eugénia Viseu foi a obra desse acasalamento. Não é possível imaginar obra mais acabada e de proporções tão melodiosas. Ela não teve grande convivência com a mãe, Eugénia Mendes, que viveu 30 anos e morreu abrasada pela sede [...]. Quando a baronesa caiu na escada [...] disseram que Eugénia Viseu a empurrara. [...] O certo é que não se levantou mais da cama. Era imensamente rica; entendia que o poder do dia enfraquece quando a fortuna lhe faz frente [...] (BESSA-LUÍS, 1990, p. 18-19).

Assim como em *A Sibila*, encontramos em *Eugénia e Silvina* uma narrativa composta fragmentariamente pelo emaranhado de histórias das três gerações de uma propriedade secular localizada próxima ao Douro, cuja quarta proprietária não provém da mesma família. Em *Eugénia e Silvina* a narrativa é tecida nas “Terras da Malhada”, um lugar místico, onde as histórias das personagens se misturam à própria história de Portugal. O solar da família, local onde sucederam as gerações, tem sua história marcada pelas personagens femininas que o habitaram e ainda habitam, como é o caso de Silvina.

João Trindade, antigo caseiro da família Silva e Mendes, acaba por adquirir a Casa da Malhada, lugar cheio de mistérios por conta da proximidade com a chamada Poça das Feiticeiras, uma espécie de reduto pagão, onde há grande influência da mitologia celta, habitada nos tempos primeiros pelas sacerdotisas Mestras de Ranados, e onde, posteriormente, João Trindade é assassinado.

A obra é narrada por uma voz inominada, que tudo sabe. Essa voz descreve Eugénia



Nunes Viseu, a Viscondessa de São Caetano, como uma mulher bela e rica, que rejeitava todos os pretendentes que se aproximavam dela. Após a morte de Eugénia Viseu, a propriedade da Malhada passa para as mãos do antigo caseiro, João Trindade, que, por ter sido rejeitado por ela, havia emigrado para África, onde enriqueceu como cultivador de cacau e mercador negreiro. João Trindade é pai de uma única filha, Silvina, herdeira bastarda a quem conhece já com quinze anos de idade, passando a manter relações muito íntimas, quase incestuosas. A mãe de Silvina fora criada na casa da Malhada, e é descendente dos druidas que viveram ali nos primórdios da história do local.

O pai tenta fazer da filha uma segunda Eugénia Viseu, digna de tomar o lugar da antiga dona, por quem nutria tamanha paixão, mas Silvina revolta-se contra esta injunção do pai e (ao que tudo indica) mata-o. “Silvina bateu-lhe duas vezes, ele mal estremeceu. Não morreu, mas o ferimento era profundo. Ela continuou a bater, as orelhas do martelo enterravam-se no crânio, e depois a cabeça do martelo saltou. Ela ficou desorientada, saiu devagar do quarto e fechou a porta” (BESSA-LUÍS, 1990, p. 224). A trama se desdobra em torno do crime da Poça das Feiticeiras, um parricídio verídico cometido na propriedade da Malhada, ao norte de Portugal, em torno do qual pairam dúvidas. A narrativa também aborda alguns episódios mais amplos da história de Portugal, como os trechos sobre a Baronesa Eugénia da Silva Mendes, amiga do marechal Saldanha, que desempenhou um papel importante nas lutas liberais e que fora o último amor de Camilo Castelo Branco.

Segundo Muraro (2014), desde a antiguidade, durante o surgimento das primeiras sociedades humanas, as mulheres foram os primeiros seres humanos a descobrir os ciclos da natureza, já que podiam compará-los aos ciclos de seus próprios corpos. Para ela, “Desde a mais remota antiguidade, as mulheres eram as curadoras populares, as parteiras [...]” (MURARO, 2014, p. 14). Ainda segundo a autora, nas tribos primitivas as mulheres eram consideradas “Xamãs”, seres que detinham um profundo conhecimento da natureza e de si, algo sagrado. Podemos observar que é recorrente, tanto em *A Sibila*, quanto em *Eugénia e Silvina* que a imagem feminina apareça relacionada a essa aura mística, da qual trata Muraro (2014). Em *Eugénia e Silvina*, Bessa-Luís associa a figura feminina de Silvina às sacerdotisas celtas Mestras de Ranados, das quais a segunda protagonista da obra descende. A terra da Malhada fica próxima ao Rio Douro, segundo a narrativa, a palavra Douro remete à raiz celta da palavra “Our, que significa rio” (BESSA-LUÍS, 1990, p. 59), envolvendo ainda mais as personagens ao místico. “O rio era indispensável acólito nas doenças de mulheres, e os banhos frios, efectuados em datas de rituais, como na véspera de S. João, socorriam muitos males de histeria e de acesso de melancólico” (BESSA-LUÍS, 1990, p. 52).

No título do romance *Eugénia e Silvina*, duas personagens estão dispostas. A impressão é de que várias histórias são contadas ao mesmo tempo, mas, no desatar dos nós, as muitas semelhanças entre Eugénia Viseu e Silvina tornam-nas uma só parte da mesma história. É como se Eugénia Viseu tivesse continuidade em Silvina, o que sugere que Silvina estaria destinada a levar adiante não só o seu legado familiar de druida, mas

também o legado (aristocrático?) das Eugénias. O homônimo, Eugénia, segundo o Dicionário Online de Português (DICIO, 2022), “bem nascida”, remete à eugenia, com todo o peso racial do conceito, conservado por três gerações, Eugénia Cândida, Eugénia Silva Mendes e Eugénia Viseu, conferindo um aspecto circular ao romance. Consideramos que tal circularidade não é rompida na obra quando da mudança de nome da senhora da Malhada, já que as personagens possuem muito em comum.

Além das personalidades complexas, fortes e impetuosas, Eugénia Viseu e Silvina perdem suas mães muito cedo, tendo sido ambas criadas apenas pela figura paterna. Nos dois casos, o pai senhoreia-se da filha púbere, fazendo a guarda da casa e tornando a filha, uma donzela. Ambas as relações entre pai-filha se tornam estreitas, sugerindo relações de feitiço incestuoso: “O pai dera-lhe [a Eugénia] tal educação que a tornara imprópria para casar. Era uma vestal [...]” (BESSA-LUÍS, 1990, p. 68); “[...] tinha por ela [Silvina] um amor fanático [...]” (BESSA-LUÍS, 1990, p. 314). Inferimos que as vidas de Eugénia e Silvina se assemelham, mesmo que tenham vivido em épocas distintas.

Silvina é retratada como uma personagem perspicaz que aprendera a sobreviver num ambiente estafante e, depois, sob o jugo do pai: “[...] aprendera a hipocrisia como quem aprende piano; todas as teclas da dissimulação ela sabia tirar proveito. Era uma mulher de harém, dominadora debaixo dessa miséria de opinião que o pai dizia ser obediência filial” (BESSA-LUÍS, 1990, p. 184). Silvina é retratada como destemida e, por várias vezes, tenta insurgir-se à sua condição: “Imaginava assaltos e a maneira de lhes responder; as palavras que proferiria um ódio espirituoso que no perigo se arrebatava em ditos grandiosos e de humor cruel” (BESSA-LUÍS, 1990, p. 181).

A natureza impetuosa de Silvina chama a atenção do pai e causa-lhe prazer vê-la desafiar a sua condição. Pouco a pouco, Silvina adere a uma conduta mais viril, com o propósito de suprimir o desejo que sentia deveras pelo pai, que a correspondia. “Para defender dos seus direitos femininos, que implicavam o perigo de ceder, foi pouco a pouco, adquirindo um interesse pelo travesti, tornando-se na virago que toda gente apreciava na sua ditadura doméstica” (BESSA-LUÍS, 1990, p. 169). Não obstante, o que deveria afastá-la das garras do desejo paterno, fez com que nele aflorasse ainda mais um incontrolável desejo por ela:

Contudo, Eros tem uma mão que descobre e outra que encobre, como o próprio diabo. Esse travestimento de Silvina, que a fazia fumar, tratar de negócios e gostar de armas, tinha seu lado inquietante. [...] Podia, em suma, revelar um ponto fraco em João Trindade, até aí negado expressamente pelo seu donjuanismo: a latente carga homossexual (BESSA-LUÍS, 1990, p. 169).

Entremeada por diferentes representações do feminino, por travestimento, homossexualidade, incesto, desejo e luxúria, a obra de Bessa-Luís proporciona discussões importantes sobre assuntos considerados tabus para a sociedade, de modo geral. Em tese, a autora não transforma suas personagens em figuras divinas ou imaculadas, mas ascende a condição feminina a uma expressão deveras humana, externada através das paixões,



adversidades, devaneios, dúvidas e amarguras presentes nas obras investigadas.

O místico em Agustina Bessa-Luís

Nos romances mencionados, as protagonistas, Quina e Silvina, assumem características andrógenas ao tornarem-se mais “viris”, e subvertem dessa maneira os estereótipos de gênero da sociedade patriarcal. Fonseca (2017, p. 126) destaca que, em *Etymologiae*, Santo Isidoro de Sevilha coloca a palavra homem (vir), ligada a valor (virtus) e força (vi) associada a coragem, enquanto a palavra mulher estaria associada a mais fraca (moliore), mulher (mulier) corresponde ainda a fêmea (femina), que vem de fêmur, parte superior da coxa, onde a aparência do sexo é diferente daquela do homem. Santo Isidoro de Sevilha ainda destaca que fêmea (femina) recebera esse nome, por ser, não somente entre os animais, mas também entre os humanos, mais libidinoso.

As protagonistas, assim, em determinado ponto da narrativa, adquirem características de virtude (virtus), e passam a ocupar espaços de afirmação (masculinos) e não mais de negação (femininos). A esse respeito, assim trata Simone de Beauvoir (2016, p. 11): “Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e castrado, que qualificam o feminino”. Para Beauvoir (2016, p. 11): “Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro”.

Partindo da discussão proposta por Beauvoir (2016) de que o “outro” é o feminino, ao transitarem no centro, espaço tipicamente masculino, e não mais às margens, as personagens femininas transcendem sua condição. Entretanto, como fogem, de alguma maneira, aos padrões de gênero binários, acabam por sofrer com isso. Beauvoir salienta, ainda, que à mulher é atribuída uma posição secundária, marginalizada, qualidade que pertence à substância ou essência feminina, à sua interioridade, em contraste com a existência de uma dimensão central masculina.

Os conflitos vividos por Quina e Silvina, protagonistas de *A Sibila* e *Eugénia e Silvina*, respectivamente, trazem à tona a abnegação feminina em prol de ascensão monetária e social, liberdade de expressão e de viver segundo suas vontades sem seguir um padrão social de comportamento estipulado para elas.

O *status* adquirido por Quina, por exemplo, só fora obtido graças aos sacrifícios pessoais feitos ao longo de sua jornada, aspecto que a aproxima ainda mais das sibilas clássicas, que para manterem seus dons abdicavam de suas próprias vidas e tornavam-se devotas do deus Apolo. Semelhante sacrifício pode ser observado na vida da personagem Josefina, de outro romance da autora, intitulado *O mosteiro*, pois, para viver sua liberdade, ela precisa abandonar o lar paterno e perder o direito à sua herança. Já Silvina, para se livrar da tutela descomedida e dos abusos do pai, comete parricídio, e é encarcerada, privada de sua liberdade.

Segundo Beauvoir (2016), as mulheres, de uma forma geral, foram desfavorecidas de diversos pontos de vista, filosófico, teológico e literário, como consequência, criaram-se

diversos mitos e crenças misóginas sobre elas:

O outro [a mulher] é a passividade diante da atividade, a diversidade que quebra a unidade, a matéria oposta à forma, a desordem que resiste à ordem. A mulher é assim, voltada ao Mal. “Há um princípio bom que criou a ordem, a luz, o homem; e outro mau que criou o caos, as trevas e a mulher”, diz Pitágoras. As leis de Manu definem-na como um ser vil que convém manter escravizado. O Levítico assimila-a aos animais de carga que o patriarca possui. As leis de Sólon não lhe conferem direito nenhum. O código romano coloca-a sob tutela e proclama-lhe a “imbecilidade”. O direito canônico considera-a a “porta do Diabo”. O Corão trata-a com o mais absoluto desprezo (BEAUVOIR, 2016, p. 116).

A sabedoria, o conhecimento, a relação com a natureza e o domínio da cura remanescente das sociedades matricêntricas lhes foram arrancados e considerados passíveis de pena de morte. Tendo em vista tamanho desfavorecimento, representações femininas como as de Bessa-Luís fazem-se extremamente necessárias a fim de combater as raízes da misoginia ainda latentes. Por meio da ressignificação da aura mística feminina, Bessa-Luís resgata o que há de mais sagrado ao feminino, a latente relação entre a mulher e a mãe terra, a liberdade em descobrir aquilo que se perdeu ao longo dos anos de castração e tutelado masculino.

Em negação à condição de tuteladas, as personagens femininas agustinianas tendem a uma espécie de aversão ao matrimônio, e aquelas que, porventura, cedem, parecem se perder diante da presença masculina, ou ainda sofrer com ela, como ocorre com Estina, irmã de Quina, em *A Sibila*, que se casa a fim de conferir prestígio e honra à sua família, mas sofre com as agressões do marido. Portanto, o conselho de Quina à Germa não poderia ser diferente: “Menina [...] não te cases nunca. É a maior desgraça que pode acontecer a uma mulher” (BESSA-LUÍS, 2000, p. 142). Eugénia Viseu, igualmente, não se condiciona à tutela de um marido, mantém-se livre e aventura-se em relacionamentos amorosos intensos e não duradouros.

Representações do feminino, como as de Bessa-Luís, se fazem necessárias, a fim de romperem os estereótipos misóginos disseminados e entranhados em várias sociedades. Muitos autores contribuíram para a “exaltação” da figura feminina dentro dos moldes do que Bloch (1995) alega reforçar o conceito de “capacho pedestal”, retomando a imagem paradoxal da mulher idealizada, como pode ser verificado na literatura da Idade Média ou no Romantismo. Bessa-Luís desconstrói anos e anos de uma cultura androcêntrica que coloca o pai como único a contribuir com a alma, como no caso dos pais de Eugénia e de Silvína, por exemplo. Ao mesmo tempo em que as personagens femininas agustinianas negam características tidas como intrínsecas ao feminino, e mesmo assumindo caráter andrógino ou viril, possuem uma essência, algo tipicamente feminino, espécie de aura mística feminina, o que chamamos aqui de “paradoxo feminino agustiniano”, que transcende a condição secundária quase sempre dada à mulher. Segundo Araújo e Fonseca (2015):



A dualidade feminina não é simplesmente imaginária, é carregada de construções ideológicas, seguidoras de uma ordem político-patriarcal, com todas as prerrogativas de uma mentalidade que se caracteriza pela colocação essencialista do saber masculino, centrado na ideia da inferioridade da mulher e na sua 'natural' propensão à luxúria (ARAÚJO; FONSECA, 2015, p. 40).

As personagens femininas agustinianas assumem caráter dual, transitando entre Ave e Eva, e representam, em essência, não só a condição feminina, mas a humana. As protagonistas de Bessa-Luís, nos romances aqui mencionados, trazem como característica marcante a sua associação ao sobrenatural.

Em *Eugénia e Silvina*, temos uma relação entre a imagem feminina e o místico ainda mais intrínseca, já que o espaço em que ocorrem as ações, conhecido como Poça das Feiticeiras, fora originalmente habitado por descendentes de druidas, constituindo o último reduto da herança celta. As mestras de Ranados prestavam serviços a grávidas e a pessoas que padeciam de hérnias e luxações, antes de ser criada em Viseu uma escola de parteiras. Inclusive, a baronesa Eugénia Cândida era muito grata às sacerdotisas, pois estas teriam intervindo em seu mal de infertilidade:

Mas as mulheres, bruxas santas ou de novelo, que às vezes se confundiam boas e más, não temiam bispo nem informador de Santo Ofício. Conjuravam traições e tempestades e mãos suadas; sabiam rezas para o marido não sentir a infiel sair de casa. Eugénia Cândida ainda as teve pela porta e pediu-lhes conselho para a sua esterelidade. Teve três filhos, que baptizou na sé Viseu, posto que Ranados era apenas a capelania e não havia livro de registros. Eram meios curas quem fazia o ofício de defuntos. A fidalga, já nomeada baronesa, teve enterro com préstito que se estendeu pelo caminho das cerejeiras até à cidade, à Rua Ragueira, onde esteve em câmara ardente. Falou-se muito daquela obstinação de viver na Malhada porque confiava mais nas mestras suas vizinhas do que nos bacharéis em medicina. Ficava-se mais pelo ditado de Vanone, que as mestras conheciam e recitavam; e que declara que o vento fecunda as jumentas e galinhas da Lusitânia em certas épocas do ano (BESSA-LUÍS, 1990, p. 52-53).

Bessa-Luís revela, com naturalidade, a relação feminina com o místico, resgatando, dessa maneira, referências positivas que contribuem para a desconstrução da derrogação que prevaleceu durante a medievalidade, com resquícios no período que vem depois. Segundo Caldas (2005), o conflito entre cristianismo e paganismo compõe um dos eixos que estruturam a obra agustiniana e marcam a não sujeição do feminino.

Em *A Sibila*, temos a ressignificação da aura mística por meio da figura mitológica das sibilas, sacerdotisas do deus Apolo, detentoras do conhecimento das artes ocultas e da revelação do futuro, capazes de proferir profecias, realizar premonições e adivinhações.

Segundo Pereira (2020), uma das características mais notáveis partilhada entre Quina e as sibilas clássicas é a de permanecer virgem até sua morte. Ainda segundo ela, as sacerdotisas de Apolo deveriam manter-se intocadas e virgens, devotas ao deus Apolo até a sua morte, em caso contrário, perdiam seus dons. Quina teve inúmeros pretendentes, alguns tornaram-se inclusive, bons amigos, como o caso de Adão. Ao longo de sua vida,



ela recusou a todos, entretanto, costumava mantê-los por perto, não como namorados ou para atendê-la sexualmente, mas a seu ego. Gostava de olhar para eles como igual.

A personagem Quina, uma mulher dotada de dons incomuns, inteligência e sagacidade incrível, vive em meio à rusticidade e à simplicidade, características presentes tanto no ambiente quanto na descrição das personagens. Seus costumes e a proximidade com o campo revelam relação com a natureza e sua maneira de compreender a si mesma, a vida e o mundo.

A narradora de *A Sibila*, Germa, detém o conhecimento do passado, presente e futuro das personagens, além de ser o elo perpetuador das memórias de sua família. O papel de Germa é primordial, já que é a sua voz que predomina ao longo do romance. Temos, assim, uma voz feminina para contar a história de uma família tão marcada pela figura de mulheres fortes. Quina lega a Germa, sua herdeira, não somente bens e propriedade familiar, mas toda história, memória, costumes e sensibilidade sibilinos.

As personagens Maria, Estina e Quina, de *A Sibila*, mesmo que distintas, apresentam uma forte ligação com o campo, com a terra e com a natureza. O romance contribui para a problematização da figuração feminina, no sentido de dar voz às mulheres após um longo período de silenciamento. Além disso, contribui para a construção de uma nova figuração feminina portuguesa, voltada para o interior do país, buscando valorizar as raízes e ressignificar a natureza feminina.

Trata-se, portanto, de uma obra significativa para a valorização da relação entre a mulher e a mãe terra. Para Massaud Moisés (2001, p. 99), Quina possui uma natureza sibilina: “[...] temos o retrato de uma alma dotada de estranhos poderes, poderes de bruxa; [...] Quina ostenta todo o arsenal de forças sobrenaturais que lhe conferem personalidade de sibila [...]”.

Quina figura como detentora não só de qualidades, mas também defeitos. A ela é atribuída uma aura mística e superior que provém de sua lealdade à terra, à natureza e às crenças progênicas. Quina demonstra que a sabedoria ancestral aliada aos valores e à lida no campo tornaram-na quem ela é, a Sibila. Segundo Massaud Moisés (2001),

[...] o narrador de *A Sibila* não esquece de frisar que a heroína recebera do pai, de nome Francisco Teixeira, o “estilo hamletiano, o choco de indecisão, a cobardia da violência, que se resgatam de súbito com um acto que transcende toda razão” e de sua mãe, de nome Maria, teria herdado um traço não menos marcante: “ela pertencia a essa casta rara e invencível dos que, a par da mais crua teoria do pessimismo, se mantêm fiéis à esperança, e que mesmo na morte não sucumbem”. Aqui, não se trata de uma possível crença determinista, mas, sim, o coloca a tônica na singularidade de Quina, visto que não são traços herdados que lhe definem o caráter invulgar, senão uma força oculta, manifesta inicialmente na doença misteriosa que a derrubou aos 15 anos (MOISÉS, 2001, p. 101-102).

O crítico nota, na característica singular de Quina, qualidades simbólicas, universais, uma vez que ela representa uma essência de feminilidade de resistência e esperança, manifestada também através de seus dons de sibila. Quina distingue-se das outras



personagens por sua personalidade forte e complexa. Em relação a Germa, esta recebera uma educação voltada para o resgate das raízes interioranas, que fizera dela a herdeira do legado das mulheres da família: “A verdade é que a educação de Germa recebeu um tributo incalculável naquele convívio com costumes do campo e da sua gente, especialmente com as mulheres da casa da Vessada. Todo o postigo que a sociedade lhe incutia, o supérfluo de que a cultura lhe rodeava o espírito de valores” (BESSA-LUÍS, 2000, p. 103).

Numa espécie de ritual, como nos primórdios da humanidade, segundo Muraro (2014), faziam as mulheres nas fogueiras, as mulheres da casa da Vessada reuniam-se em torno da lareira. Lugar onde Germa ouvia com atenção Maria, já anciã, e suas tias, Quina e Estina. Nada no mundo se comparava a ouvir a avó Maria e a tia Quina. Germa ouvia-as atenta e aproveitava cada instante com elas, ansiando tornar-se uma mulher como aquelas que tanto admirava. Como em um rito, Maria e Quina repassam a Germa conhecimentos, valores, a história da propriedade, da região e da família.

O valor dado à terra e às raízes culturais na obra resgata a aura mística feminina, que, de acordo com Muraro (2014), esteve associada à natureza. Agustina Bessa-Luís resgata a essência feminina através da ligação do feminino com a natureza, a terra e os elementos que compõem o cosmos. À vista disso, Bessa-Luís torna suas personagens femininas portadoras de sabedoria *sui generis*, e as coloca em um plano superior de comunhão com todos os seres vivos, onde se incluem não apenas os elementos da natureza, mas também a alma humana.

Considerações finais

A relação entre o culto e o respeito à terra se faz presente nas obras selecionadas para este artigo, uma vez que a associação entre as personagens femininas e a terra se dá de maneira natural e harmoniosa. Em *A Sibila*, mesmo que o título de Sibila tenha lhe sido dado apenas na idade adulta, os dons de Quina crescem à medida que a personagem entra em comunhão consigo mesma, tornando-se mais introspecta após a doença que a acama e passa a perceber com maior sensibilidade a natureza e as forças que a cercam. Ao longo da narrativa, podemos perceber a pertinaz harmonia com a natureza e o meio achavascado que a rodeia. A personagem desenvolve uma forte espiritualidade, tipo de sabedoria sem-par. As pessoas que a circundam demonstram fascínio por ela, envolvendo-a numa aura mística, sua perspicácia amalgamada ao poder de adivinhação resulta, portanto, em uma transcendência espiritual. Quina congrega-se à natureza da alma humana, delineando e reconfigurando antigos mitos femininos que revelam essa profunda ligação da mulher ao cosmos.

Em *Eugénia e Silvina*, o imaginário celta presente na obra evidencia um culto preponderantemente feminino, onde as Mestras podem ser entendidas, segundo Caldas (2005, p. 7), “[...] como elaborações simbólicas da face generosa da Deusa-Mãe [...]”, e que dão ares mágicos ao lugar onde se passa a trama. Na obra em questão, Bessa-Luís destaca a sabedoria e o conhecimento natural feminino na figura das Mestras de Ranados. Para



elas, os males que afligem o corpo não podem ser dissociados de aspectos espirituais, cuja prática ritualística é detida apenas pela mulher.

As obras agustinianas, em geral, ressaltam a relação dos indivíduos com o meio, destacando a crise gerada no sujeito pelas constantes mudanças sociais oriundas da contemporaneidade. Consoante a isso, diferentes críticos destacam que a obra de Bessa-Luís mantém estreita relação com a tradição “histórico-mítico-cultural” de Portugal, que se vê defronte a um novo contexto europeu. Uma das ideias mais recorrentes na obra agustiniana é a de que a ficção é um espaço que favorece a libertação e emancipação feminina, embora a escritora não assuma propriamente uma postura feminista, e que possibilita representar aquilo que ainda não foi possível na História. Nesse sentido, Agustina Bessa-Luís contribui de maneira significativa não apenas por figurar como uma escritora, mas também por trazer representações femininas tão complexas e importantes para a construção de um novo cenário na sociedade portuguesa contemporânea e também em outras sociedades.

Referências

ARAÚJO, Márcia Maria de Melo; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. *Mulher Medieval e Trovadorismo Galego-português: o feminino e a feminização nas cantigas de amigo*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Trad. de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. 2 v.

BESSA-LUÍS, Agustina. *A Sibila*. Campinas: Pontes, 2000.

BESSA-LUÍS, Agustina. *Eugénia e Silvina*. Lisboa: Guimarães Editores, 1990.

BESSA-LUÍS, Agustina. *O mosteiro*. Lisboa: Guimarães Editores, 1980.

BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Trad. de Claudia Moraes. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

CALDAS, Tatiana Alves Soares. Entre a Deusa e a Bruxa: Reflexões Sobre o Imaginário Pagão em Agustina Bessa-Luís. *Brathair*, n. 5, p. 2-10, 2005. Disponível em: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/view/589> Acesso em: 18 out. 2022.

COELHO, Nelly Novaes. O discurso-em-crise na literatura feminina portuguesa. *Via Atlântica*, v. 1, n. 2, p. 120-128, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/va.v0i2.48738>. Acesso em: 18 out. 2022.

EUGÊNIO. In: DICIO. Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/eugenio-2/>. Acesso em: 18 out. 2022.

DUMAS, Catherine. O poder de ‘fazer mundo’ em algumas escritoras contemporâneas portuguesas. *Interdisciplinar*, v. 23, p. 11-38, jul./dez. 2015.



FONSECA, Pedro Carlos Lousada. *Mulher e misoginia na visão dos padres da Igreja e do seu legado medieval: estudo e leitura de textos fundamentais*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2017.

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*; ensaio de método. Lisboa: Arcádia, 1976.

LOURENÇO, Eduardo. Des-concertante Agustina. In: LOURENÇO, Eduardo. *O canto do signo: existência e literatura*. Lisboa: Ed. Presença, 1994. p. 164-171.

MACHADO, Álvaro Manuel. *Agustina Bessa-Luís: a vida e a obra*. Lisboa: Ed. Arcádia, 1979.

MOISÉS, Massaud. *Machado de Assis, ficção e utopia*. São Paulo: Cultrix, 2001.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 2013.

MURARO, Rose Marie. Breve introdução histórica. In: KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James (Ed.). *O martelo das feiticeiras*. Trad. de Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 5-17.

PEREIRA, Nair Fernandes. *Maria, Estina e Quina: personagens de “A Sibila”, de Agustina Bessa-Luís, e suas relações com a realidade feminina*. 2020. 94f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, GO, 2020. Disponível em: <http://www.bdt.d.ueg.br/handle/tede/780>. Acesso em: 18 out. 2022.

NOTAS DE AUTORIA

Márcia Maria de Melo Araújo (marcimelo@gmail.com, marcia.araujo@ueg.br) é Doutora e Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Professora titular de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Goiás e do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade. Pós-doutora pelo Programa de Pós-doutorado no Exterior da CAPES. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP), certificado pelo CNPq/UEG.

Nair Fernandes Pereira (nairdfg@gmail.com, nairfernandes@discente.ufg.br) é doutoranda em Letras pelo PPGLL/UFG. Mestra em Língua, Literatura e Interculturalidade pelo PPG *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás. Especialista em Literatura Infantil e Juvenil e graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás. Professora efetiva da EM Olival Alves Ribeiro e temporária no Colégio Estadual José P. Faustino. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa.

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

PEREIRA, Nair Fernandes; ARAÚJO, Márcia Maria de Melo. Resignificação da aura mística feminina em Agustina Bessa-Luís. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 27, p. 01-15, 2022.

Contribuição de autoria

Nair Fernandes Pereira: Contribuiu na escolha da bibliografia, nas leituras, nas pesquisas, na escolha dos romances, na análise dos dados e na redação do artigo.

Márcia Maria de Melo Araújo: Contribuiu orientando na concepção do artigo, na análise de dados, na elaboração do manuscrito e na escolha dos romances, na seleção vocabular, na redação e revisão da discussão de resultados.



Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 01/05/2022

Revisões requeridas em: 05/10/2022

Aprovado em: 21/10/2022

Publicado em: 11/11/2022

